

Aventura na nova capital uniu os pioneiros

■ Os candangos começaram a chegar há três décadas, vindos de todos os recantos do país, acreditando no antigo sonho de JK

ROSELI GARCIA

Uma razão principal atraiu para Brasília, a partir de 1957, pessoas de todo o país dos mais diferentes segmentos sociais: a aventura de participar do nascimento de uma cidade no meio do cerrado. Vindos em paus-de-arara com algum trocado no bolso, ou a convite do governo para apoiar a estruturação da nova capital, muitos desses candangos sedimentaram suas vidas aqui e são pais e avós de duas gerações de brasilienses. Instalados democraticamente durante as obras na Cidade Livre, hoje o Núcleo Bandeirante, estes pioneiros tomaram rumos diferentes, mas têm em comum o gosto de contar longas histórias da luta que marcou a chegada.

Da época, apesar do desconforto da poeira e das distâncias, eles sentem saudade da solidariedade, desde a carona para vencer os quilômetros que separavam os acampamentos, até a ajuda aos recém-chegados. "Eram tantos os conhecidos que tentavam se instalar em Brasília, que me envolvi com os negócios imobiliários, numa época em que, depois do golpe de 64, estava desempregada e com três filhos para criar", diz uma das pioneiras.

Para muitos, o sonho de uma vida melhor na cidade deu certo. Bartolomeu, Francisco e Aloísio Marinho, de garçons passaram a donos do restaurante onde trabalhavam, o tradicional Beirute. Depois de enfrentarem a dificuldade de decorar os nomes dos pratos árabes do cardápio, Francisco conta que os irmãos trabalharam duro, até surgir a oportunidade de comprar o restaurante.

Esperança — Já para o aposentado Camilo Araújo, a esperança de uma vida melhor que trouxe do Rio Grande do Norte, quando chegou em Brasília, em 1958, não se concretizou. No início, conseguiu um emprego no antigo Ipase, casou-se e teve três filhos. Montou um bar no Núcleo, mas depois de um acidente foi aposentado por invalidez. "Fui roubado muitas vezes e hoje até penso em voltar para minha terra natal."

Alguns candangos chegaram à cidade ainda crianças, como o deputado Paulo Otávio, acompanhando os pais. Ele se impressionava, na Brasília do início dos anos 60, com a solidariedade entre todos. "Aqui ninguém se importava com o sobrenome das pessoas ou a que família pertenciam, como no interior de Minas, de onde viemos."

Brasília — Josemar Gonçalves



PHILOMENA MAZZOLA

Parteira de candangos já tem 90 anos

Cansada da rotina nos hospitais e centros de saúde de São Paulo, a enfermeira Philomena Mazzola, depois de 30 anos de trabalho, decidiu aventurar-se em Brasília em busca de uma vida diferente. Com o marido Olívio abriu uma loja, em 1957, na Cidade Livre, mas um ano depois, ele morreu e os filhos a pressionavam a voltar para São Paulo. "Mas senti que o meu destino estava fincado aqui e comecei a realizar partos para sobreviver." Philomena, hoje com 90 anos, ajudou no parto de 1.800 crianças. "As pessoas pagavam como podiam", diz, lembrando as dificuldades das famílias que buscavam a sorte na cidade.

A enfermeira começou, também, a se preocupar com a situação das crianças abandonadas e acabou criando uma creche na casa deixada pelo marido. "Eu poderia ter conseguido mais dinheiro com a loja, mas não me arrependo de ter me dedicado às crianças. Acho que era o meu destino", afirma.